

Associação Internacional de Lusitanistas

Avanços em
Ciências da Linguagem

(Eds.)

Petar Petrov

Pedro Quintino de Sousa

Roberto López-Iglésias Samartim

Elias J. Torres Feijó

AIL

ATRAVÉS
editora

AVANÇOS EM

Ciências da Linguagem

Avanços em Ciências da Linguagem

1ª edição: Abril 2012

Petar Petrov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto López-Iglésias
Samartim e Elias J. Torres Feijó (eds.)

Santiago de Compostela-Faro, 2012
Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)
Através Editora

Nº de páginas: 532

Índice, páginas: 5-8

ISBN: 978-84-87305-65-8

Depósito legal: C 600-2012

CDU: 80 Linguística. Filologia
811.134.3 Português.

© 2012 Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)

www.lusitanistasail.net

© 2012 Através Editora

www.atraves-editora.com

Diagramação e impressão:

Sacauntos Cooperativa Gráfica - www.sacauntos.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

NOTA DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS.....	9
NOTA EDITORIAL.....	11
REVISITANDO A <i>GRAMATIQUINHA</i> DE MÁRIO DE ANDRADE.....	13
Neusa Bastos	
MARCADORES DO DISCURSO COM FUNÇÃO CONJUNCIONAL FORMADOS PELO VERBO QUERER NA VERSÃO PORTUGUESA DA <i>VITA CHRISTI</i> (1495)...	27
José Barbosa Machado	
ESTUDO DA FONTE ENUNCIATIVA NA <i>GAZETA DE LISBOA</i> DE 1808.....	39
Janete dos Santos Bessa Neves	
DOIS TEXTOS PRECURSORES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO SÉCULO XIX.....	53
Ricardo Stavola Cavaliere	
A <i>PERSPECTIVA DO DESASTRE</i> : JOÃO PENHA E A QUESTÃO ORTOGRÁFICA (IMPLICAÇÕES EDITORIAIS).....	65
Elsa Pereira	
APRENDA BRINCANDO A NOVA ORTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A ESCOLA BRASILEIRA	77
Kelly Priscilla Lódido Cezar	
Edson Carlos Romualdo	
Geiva Carolina Calsa	
<i>DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ</i> (1858-1958): CONTRIBUTOS E LIMITAÇÕES PARA A DISCIPLINA DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA PORTUGUESA.....	93
Rolf Kemmler	
UM OLHAR NO SÉCULO XIX- PROCESSO DE LUSITANIZAÇÃO SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL.....	117
Verônica Lucy Coutinho Lage	
AS ESTRUTURAS PLEONÁSTICAS EN GALEGO NA LINGUA MEDIEVAL. O CASO DOS PRONOMES CLÍTICOS	133
Xosé Manuel Sánchez Rei	

MÉTODOS DE EXPRESSÃO NAS MENSAGENS ELETRÓNICAS EM PORTUGUÊS E EM POLACO.....	145
Edyta Jablonka	
O LUGAR DA AUTOTRADUÇÃO NO BILINGUISMO LUSO-CASTELHANO EM PORTUGAL.....	159
Xosé Manuel Dasilva	
PONTOS PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS EM TIMOR-LESTE.....	177
Regina Helena Pires de Brito	
COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA EM PORTUGUÊS: POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E OPÇÕES TERMINOLÓGICAS.....	199
Manuel Célio Conceição	
ASPECTOS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS E INTERTEXTUAIS DA NEOLOGIA MIDIÁTICA.....	209
André Crim Valente	
O PREFIXO OPOSITIVO <i>ANTI-</i> EM UM <i>CORPUS</i> JORNALÍSTICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.....	227
Ieda Maria Alves	
OTHON MOACYR GARCIA: LÉXICO E ANÁLISE ESTILÍSTICA.....	243
André Nemi Conforte	
LÉXICO PRECOCE NO PORTUGUÊS EUROPEU: UMA JANELA SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA.....	255
Rosa M. Lima	
IMPORTAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DE TERMINOLOGIAS DA ECOLOGIA EM LÍNGUA PORTUGUESA: ASPETOS TERMINOLÓGICOS.....	269
Rosa Maria Queirós Fréjaville	
MEMÓRIA REAL EM EMPRESAS E INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS. UM ESTUDO ONOMÁSTICO.....	287
Rosa Lúcia Coimbra	
Lurdes de Castro Moutinho	
PARA COMPRENDER O JOGO ASPECTUAL (INTERACÇÃO ENTRE OS DIFERENTES CONSTITUINTES DO ENUNCIADO).....	311
Barbara Hlibowicka-Weglarz	

PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO EM NEGOCIAÇÕES DE CONTEXTO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO INTERACIONAL FÓRUM DE DISCUSSÃO	331
Gisella Meneguelli de Sousa	
O CONCEITO DE 'CASA' EM PORTUGUÊS EUROPEU.....	343
Zuzanna Bułat Silva	
POLIFONIA E HETEROGENEIDADE: UMA ABORDAGEM CRÍTICA.....	359
Lúcia Regina Barcelos Só	
AS DIVERSAS VOZES NA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> : O CASO DA IMPRENSA PRAIEIRA.....	373
Rose Mary Fraga	
SOBRE A PARTÍCULA CA NO CORPUS DA LÍRICA PROFANA GALEGO- -PORTUGUESA: INTEGRIDADE FORMAL VS. ELISIÓN.....	391
Manuel Ferreiro	
LOCUCIÓNS CONECTORAS CONSECUTIVAS DE CARÁCTER PARENTÉTICO NO GALEGO MODERNO E CONTEMPORÂNEO.....	411
Xosé Ramón Freixeiro Mato	
O ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA NO PROJECTO AMPER. COMPARAÇÃO DE DADOS PROSÓDICOS DE DUAS INFORMANTES DO FUNCHAL (SANTA MARIA MAIOR E SÃO MARTINHO).....	429
Helena Rebelo	
VARIAÇÃO DA VOGAL [ɛ] EM DOIS DIALECTOS DO PORTUGUÊS EUROPEU.....	445
Luís Fernando Pinto Salema	
A FONOLOGIA DOS PRENOMES ESTRANGEIROS EM UMA ABORDAGEM HISTÓRICA: COMPARAÇÃO ENTRE PORTUGUÊS ARCAICO E PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (BRASILEIRO E EUROPEU).....	457
Gladis Massini-Cagliari	
UM MODELO DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA PARA UM DICIONÁRIO.....	475
Luiz Carlos Cagliari	
ASPECTOS FONÉTICOS DO <S> NO PORTUGUÊS DE CORUMBÁ E LADÁRIO, MS/BRASIL: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA.....	491
Rosangela Villa da Silva	

DOCUMENTOS DO OURO: INVESTIGANDO O SISTEMA ORTOGRÁFICO DO
SÉCULO XVII NO BRASIL.....509

Kelly Priscilla Lóddo Cezar

COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL.....527

NOTA DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS

A Associação Internacional de Lusitanistas quer oferecer ao público interessado um alargado conjunto de investigações que possam informar, em boa medida, do estado da arte na pesquisa em ciências humanas e sociais do âmbito da língua portuguesa. Os onze volumes que a AIL publica contam com mais de 250 estudiosas e estudiosos de mais de 100 Universidades e Centros de Investigação da Europa, Estados Unidos da América e o Brasil, prova da extraordinária vitalidade das nossas áreas.

Para este trabalho, foi imprescindível o labor de uma equipa de revisão científica, entre os quais, toda a Direção e o Conselho Directivo da AIL, de alta qualificação e especialidade nos diversos assuntos aqui focados, a quem agradecemos vivamente a sua incessante e rigorosa dedicação.

O X Congresso da AIL, celebrado na Universidade do Algarve, mediu neste processo como marco fundamental. Ele fica também como um fito na nossa vida associativa. Fique aqui o nosso muito obrigado para as entidades colaboradoras da AIL nesse evento. Esta nota toma a sua plena razão de ser como testemunho de sincero agradecimento a todo o grupo humano dessa universidade que o possibilitou e às pessoas que me acompanharam na Comissão Organizadora: Carmen Villarino Pardo, Cristina Robalo Cordeiro, Regina Zilberman e Petar Petrov. Quero, igualmente, estender esse agradecimento ao nosso novo Secretário Geral, Roberto López-Iglésias Samartim, pelo seu excelente trabalho co-editorial e organizativo na Associação.

Para o Prof. Petrov e para o Dr. Pedro Quintino de Sousa, coordenador executivo e responsável técnico desse X Congresso, respetivamente, quero reservar as últimas e principais palavras de gratidão: o seu compromisso, trabalho e rigor ficam como inesquecíveis para a Associação Internacional de Lusitanistas.

Elías J. Torres Feijó

NOTA EDITORIAL

O presente volume faz parte de uma série de 11 que a Associação Internacional de Lusitanistas oferece ao público e aos estudiosos do âmbito das ciências humanas e sociais na esfera da língua portuguesa.

Os contributos que os compõem são fruto de um trabalho e de um processo de seleção e debate intensos. Assim, os textos foram submetidos à sua avaliação por pares, a posterior discussão no X Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas organizado entre os dias 18 e 23 de julho de 2011 no Campus de Gambelas da Universidade do Algarve sob a coordenação executiva do Prof. Petar Petrov e, finalmente, à confirmação e revisão final, tendo em consideração os debates mantidos nas sessões do Congresso (em cujo site foram também previamente disponibilizados) e as propostas e críticas apresentadas por cada um dos leitores e ouvintes. De 350 propostas ficaram finalmente algo mais de 250, num processo que tenta garantir o rigor e prestígio académico precisos.

Na organização dos onze volumes agora publicados delineou-se uma tábua temática e cronológica com uma subdivisão de géneros – distingue-se a prosa, a poesia, o teatro e, incluídos nos géneros em causa, a teoria, os estudos autorais e o comparatismo cultural. A cartografia textual apresentada conduz o leitor pelas literaturas e culturas de Portugal (da Idade Média ao século XX), volumes 1 a 5; do Brasil (séculos XV a XX), volumes 6 a 8; de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e África do Sul (século XX) juntamente com as da Galiza (séculos XVIII a XX) no volume 9; pela Cultura e o Comparatismo nas Lusofonias no volume 10 e pelas Ciências da Linguagem no volume 11 (lugar de grande destaque na produção ensaística do Congresso e onde foram abordadas temáticas distintas como o contacto de línguas, análise constrativa, análise histórica, fonética e dialectologia, morfologia e léxico, análise textual e ensino).

**SOBRE A PARTÍCULA CA
NO CORPUS DA LÍRICA PROFANA GALEGO-PORTUGUESA:
INTEGRIDADE FORMAL VS. ELISIÓN***

Manuel Ferreiro
Universidade da Coruña

É teoría tradicional, exposta desde hai ben anos, que as conxuncións *que* (tamén pronome relativo), *ca* e *se* non presentan crase na lírica trobadoresca galego-portuguesa, do mesmo modo que, en principio, tamén non permiten sinalefa co vocábulo seguinte, feito que tamén afectaría á conxunción copulativa *e*.

Foi o ilustre investigador Celso Cunha quen, de modo máis sistemático, a partir do estudo da produción literaria de Paio Gomez Charrinho, estableceu que, como *e*, *que* e *se*, a conxunción *ca* mantén sempre a “autonomía silábica”, sendo inelidíbel, aínda que matiza levemente o discurso, indicando que constitúe unha “norma que poucas execções parece ter sufrido na versificación trobadoresca” (Cunha, 1982: 72), mais sempre defendendo o

hiatismo sistemático das vogais da conxunção e do pronome *que* e das conxunções *e*, *ca* e *se* com uma vogal subsequente. Os trovadores não podiam elidir nem iodizar as vogais desses monossílabos por uma razão de ordem mecânica: a apreciável tonicidade com que eram

* Este traballo inscríbese no proxecto de investigación FFI2009-08917, subsidiado polo “Ministerio de Ciencia y Tecnología. Dirección General de Investigación. Subdirección General de Proyectos de Investigación”. O presente artigo é continuación dos traballos sobre *que* (Ferreiro, 2009a) e *se* (Ferreiro, 2009b).

pronunciadas na fase arcaica do idioma, ou seja, na
própria língua que eles falavam

(Cunha, 1982: 168)

A pesar de a súa primeira observación semellar un bocado vacilante (cf. “poucas exeções” *supra*) e a pesar da crítica de Rodrigues Lapa na recensión á obra cunhiana (Lapa, 1954), o estudoso brasileiro reafirmase na inexistencia de elisión e, mesmo, de sinalefa, ao tempo que xeneraliza para todo o período da lírica galego-portuguesa tal principio:

Esta a conclusión a que já havíamos chegado em 1950, depois de paciente exame no texto de mais de um milhar de cantigas de amigo e de amor. Os argumentos em contrário, colhidos pelo professor Rodrigues Lapa nas cantigas de escarnho e de maldizer, longe de infirmarem-na, robusteceram-lhe os alicerces, porque nos permitiram, ao contraditá-los, estender o nosso campo de pesquisa a mais algumas dezenas de cantares e mostrar, ainda uma vez, com exemplos concretos, que, até fins da primeira metade do século XIV, pelo menos, não precisamos de recorrer à elisão ou à sinalefa nos encontros em tela para darmos aos versos em que eles aparecem o número de sílabas que verdadeiramente lhes compete

(Cunha, 1982: 168)

A partir dos estudos de Cunha (1961 e 1982), os diversos editores actuaron contraditoriamente perante o comportamento de *ca*; unhas veces confírmase a teoría sistematizada por Cunha, como acontece no estudo dos encontros vocálicos das primeiras cincuenta cantigas do Cancioneiro da Ajuda, da autoría de Mariña Arbor: “no que atinxe á conxunción *ca*, no *corpus* considerado, [...], documentamos como resultado único, ante vogal tónica, a dialefa”, aínda que despois matiza prudentemente o principio: “No que atinxe aos exemplos de elisión, cabe pensar que a vogal elidida é, e á espera dunha análise exhaustiva do *corpus*, a segunda do encontro, tal e como sostiña Cunha” (Arbor Aldea, 2008: 23). Noutras

ocasións, as máis, acóllese con reservas o principio de integridade formal de *ca* e a “tendencia” ao hiatismo da conxunción:

De todas formas, un recorrido por los apógrafos italianos *B* y *V* refleja que el hiato con la conjunción *ca* no era una norma consagrada, pues el análisis textual muestra –aunque con un índice de frecuencia escaso– el empleo de la sinalefa con la conjunción ante vocal átona (sobre todo si ésta era del mismo timbre), siempre que así lo exija el patrón métrico del texto

(Lorenzo Gradín, 2009b: 499)¹

Estas posicións son mostra do receo que as teorías de Cunha encontraran no momento da publicación dos *Estudos de Versificação Portuguesa*, en liña coa actitude reticente de Lapa á formulación cunhiana a respecto do comportamento métrico de *ca*, afirmando que “debemos guardarnos de emitir conceptos de rigor absoluto en cuanto al hiatismo” (Lapa, 1954: 85).

En calquera caso, estamos convencidos de que, como xa dixemos, só un estudo de todo o corpus permitirá establecer bases sólidas para o comportamento métrico-morfolóxico da conxunción *ca*, así como das conxuncións *que*, *se* e a copulativa *e*, tal como como pedía Rodrigues Lapa: “Nosotros, sin embargo, creemos que un problema como el de los encuentros vocálicos ganaría mucho si se le investigara en mayor número de cantigas, cuando no en todas” (Lapa, 1954: 82). É por isto que neste relatorio pretendemos estudar con exhaustividade o comportamento da conxunción *ca* en todo o corpus trobadoresco profano no que di respecto aos encontros vocálicos e a posibilidade de crase fonética desta partícula. Para isto, partimos do convencemento de que, efectivamente, o principio formulado amplamente por Cunha se cumpre basicamente en todo o corpus, aínda que na práctica, tal e como o texto das cantigas se encontra editado, imos achar casos problemáticos que esixen unha atención particular.

¹ Similares afirmacións aparecen noutros traballos da mesma autora: “Porén, os trobadores –aínda que de maneira esporádica– recorreron á sinalefa con *ca* se así o esixía o patrón métrico da cantiga” (Lorenzo Gradín, 2009a: 268).

A partícula *ca* no corpus das cantigas

As observacións e correccións de Cunha non foron incorporadas á compilación máis recente do corpus da lírica profana galego-portuguesa, coordinado pola profesora Mercedes Brea, que, en 1996, reuniu a produción trobadoresca profana a partir basicamente das edicións críticas dos trobadores, xunto co recurso ás edicións de xénero de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1904), José Joaquim Nunes (1928 e 1932) e Manuel Rodrigues Lapa (1970) para aqueles cancioneiros que aínda non foran editados individualmente na altura.

As características da elaboración desta vulgata explican, pois, que, para alén de numerosos contextos de aparente sinalefa, no corpus se detecten bastantes elisión na conxunción *ca*. A revisión sistemática – que pretendemos exhaustiva– de todo o corpus profano galego-portugués mostra que a conxunción *ca*, polo feito de presentar tres funcións diferentes (causal, integrante e comparativa) é amplisimamente documentada no corpus, onde rexistramos 2.228 ocorrencias da conxunción². En consecuencia, son moitos os contextos en que a conxunción vai seguida de palabra iniciada por consoante. Seguida de vogal computamos por volta de 300 ocorrencias, que permiten afirmar que a integridade formal, isto é, a inexistencia de elisión, e a dialefa é a norma xeral³, pois documentamos 295 casos de hiato⁴. Con esta simple constatación, semella confirmarse, de inicio, o principio enunciado por Celso Ferreira da Cunha, o mesmo que xa aconteceu con *que* e *se* (Ferreiro, 2009a e 2009b).

² Manexamos os datos tirados das concordancias elaboradas para a primeira parte do proxecto *Glosario crítico da poesía medieval galego-portuguesa*.

³ O estudo da posibilidade de sinalefa de *ca*, *que*, *se* e mais *e* será obxecto doutro traballo particularizado.

⁴ Esta contaxe está feita a partir de texto do corpus trobadoresco profano revisado e confrontado cos manuscritos, xa que en numerosas crases que se documentan nalgúns edicións introducimos modificacións editoriais que as evitan.

O erros dos editores

Estabelecida, de principio, a integridade gráfica (e eventual hiatismo) da conxunción *ca*, chegou a hora de rever con ollos críticos os casos anómalos que detectamos na vulgata editorial de 1996, presentando elisión directa – ou indirecta, a través da utilización das parénteses – na devandita conxunción.

Nalgunhas cantigas, o texto que nos é presentado establece crases da conxunción que son derivadas dunha deficiente interpretación das leccións transmitidas polos manuscritos. Existe un conxunto de textos en que é perfectamente posíbel corrixir as edicións presentes na vulgata dun modo ecdoticamente fundamentado, de modo que se confirma a integridade da conxunción *ca*. O primeiro caso localizado⁵ aparece na histórica edición de Don Dinis, da autoría de Lang, incorporada na vulgata de 1996 (Brea, 1996: 188):

..., e pero nozir
nom mi devia desamor,
c' al que no bem nom a melhor.

(503 / 25,25 Den [B505/V88], v. 24)

Sen dúbida, o texto establecido por Lang procede da lección <cal> de V, que debe ser emendada conforme a correcta lección transmitida por B (<tal>), tal como Nunes fixo no seu momento (Nunes, 1972: 76) e confirmou Cunha (1982: 65):

... *mais quero-lh'eu maior*]
mal que poss', e pero nozir

⁵ Para as referencias ás cantigas, utilizamos o sistema de Jean Marie D'Heur, coas correccións incorporadas por J. M. Montero Santalla (2001: 55-101), acompañada da numeración de Tavani. Os criterios de edición utilizados son os propostos en FERREIRO, M., MARTÍNEZ PEREIRO, C. P. e TATO FONTAÍÑA, L. (2007). *Canto á lectura dos manuscritos, manexamos as edicións facsimilares dos cancioneiros: Cancioneiro da Ajuda*. Edición Fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1994; *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colloci-Brancuti)*. Cód. 10991, Lisboa, Biblioteca Nacional / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982; *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (Cod. 4803)*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.

non mi devia desamor
tal que no ben non á melhor.

As seguintes documentacións anómalas de *ca* localizadas afectan a unha crase *c'assi* en secuencias que deben ser interpretadas, na nosa opinión, de maneira diferentes. O primeiro caso rexístrase na edición de Airas Veaz, onde Giulia Lanciani fixa o texto seguindo a opción <casfy> de V (Brea, 1996: 138), emendando, por súa volta, a lección *ca assy* de Nunes (1972: 38):

Seede muy ben sabedor:
 des que vos eu primeiro vi,
 sempre muy gran coita sofri,
c' assi quis nostro Sen[h]or:
que nunca vos ousey dizer
o que vos [queria dizer].

(425 / 17,4 AiVeaz [B444/V56], v. 16)

Mais a lección de B (<eaffy>) demostra que a opción certa debe ser *e assi*, evitando, deste xeito, a hipometría derivada do erro do copista do Cancioneiro da Vaticana:

Seede mui ben sabedor:
 des que vos eu primeiro vi
 sempre mui gran coita sofri,
e assi quis Nostro Sen[h]or
que nunca vos ousei dizer
o que vos [queria dizer].

O segundo caso é máis problemático por canto supón unha modificación da lección <Caffy> B, <casfy> V dos manuscritos. Na cantiga 1364 de Lopo Lias, Silvio Pellegrini segue fielmente os apógrafos italianos para o refrán (Brea, 1996: 591-592):

Ao lançar do pao,
ena sela,
 deu do cuu mao

e quebrou-lh'a sela;
c'assy diss'a bela:
 "Rengeu-lh'a sela!".

Porén, o sentido exige a consideración dun erro, absolutamente frecuente nestas secuencias⁶, tal como xa foi establecido na edición do cancionero satírico realizada por Lapa (1970: 396), de xeito que estaríamos perante un refrán anisosilábico (3'5'6'4')⁷, moi frecuente neste trobador (vid., por exemplo, as cantigas 1359, 1363, 1365, 1366 e 1367)⁸:

Ao lançar do pao,
 ena sela,
 deu do cuu mao
 e quebrou-lh'a sela;
e assi diss'a bela:
 "Rengeu-lh'a sela!".

(1364 / 87,6 LoLias [B1347/V954], r3)

Outro problema de edición en que aparece unha crase de *ca* pode verse no verso final da cantiga 1598 de Afons'Eanes do Coton a partir da edición lapiana incorporada á vulgata (Brea, 1996: 77):

Id' adubar vossa prol, ai, senhor,

⁶ Véxanse os significativos erros, entre outros posíbeis, que localizamos, para alén do xa visto en V na cantiga 425: 270 JSrzCoe? [A162], r1 (I): *ca* <ea> A; 284 JSrzCoe [A177/B328], v. 13: *Ca* <E a> A; 336 PMaf [B374], v. 14: *e as[s]i* < Cafy> B; 649 VaFdzSend [B633/V235], r: *e, amigo* <Camigo> B, <camigo> <ca migo> V; 506 Den [B508/V91], v. 12: *e assi* <e assy> B, <cafsy> V; 767 JGarGuilh [B750/V353], r: *e a* <Ca> B, <ca> V; 1003 RoiMrzUlv [B999/V588], v. 7: *Ca* <E a> B, <Ca> V; 1114 Lopo [B1112/V703], v. 4: *e á* <ca> B, <ea> V; 1160 JServ [B1147^a/V750], v. 3: *ca* <Ea> B, <ca> V; 1231 PAmigo [B1215/V820], v. 7: *ca 'ssi* <E assy> B, <Casfy> V; 1388 MartSrz [B1370/V978], v. 20: *e a* <E a> B, <ca> V; 1465 PGmzBarr [B1445/V1056], v. 5: *ca* <c> B, <ea> V; 1645 PPon [B1633/V1167], v. 15: *E a* <Ca> BV...

⁷ Fronte ao esquema 3'5'5'5' (85:4) para o refrán establecido por Tavani no seu *Repertorio* (Tavani, 1967: 103).

⁸ Se se quixese a nivelación métrica dos vv. 2 e 4 do refrán, tamén se podería considerar unha episinalefa da conxunción *e* (3'4'4'6').

c' avedes, grad'a Deus, renda na terra.

(1598 / 2,8 AfEaCot [B1588/V1120], v. 28)

Na realidade, Manuel Rodrigues Lapa altera a lección coincidente dos códices (<ca ued's grada d's Rey a na terra> B, <cauedes grada d's rey a naterra> V), de modo que é posíbel (e probábel) unha lectura alternativa (presente en Machado, 1958, VI: 294; Gaspar Porras, 1995: 92), cunha diferente interpretación do segmento inicial, tal como Cunha confirmou tamén neste caso (1982: 65):

Id'adubar vossa prol, ai sen[h]or,

ca vedes: grad'a Deus, rei á na terra.

Finalmente, nunha cantiga de Juião Bolseiro rexístrase unha aparente crase de *ca* nun verso hipométrico conforme a lección dos manuscritos, conservada en Reali (1964: 34), que foi solucionado en Nunes dun modo certamente discutíbel (Brea, 1996: 583):

com' ousastes [vós] viir ant' os meus

olhos, amigo, por amor de Deus?

C' a vós ben vos devia [a] nembrar

en qual coita vos eu já por mi vi,

fals', e nembra[r]-vos qual vos fui eu i

(1187 / 85,17 JuBol [B1170/V776] <399>), v. 7)

Fronte á solución de Cohen (2003: 404), que resolve a hipometría dun modo máis interventivo (*Ca vós ben vos devia<des> nembrar*), propomos unha mínima restauración da prep. *a*, segmentando dun modo diferente a perífrase verbal, considerando unha omisión frecuente nos manuscritos, de que se poden localizar varios exemplos no corpus (91 JSrzSom [A25/B118], v. 3: **ca a** tod'ome aven assi <ca \a/> A, <ca> B; 108 NuEa-Cer [B135], v. 7: **ca**, [a] meu grad', u m'eu d'aqui partir; 960 JAI [B958/V545], v. 22: **ca** [a] El dias nunca minguará[n]):

com[o] ousastes viir ant' os meus

olhos, amigo, por amor de Deus?

Ca [a] vós ben vos devi' a nembrar
 én qual coita vos eu ja por mí vi,
 fals', e nembra[r]-vos qual vos fui eu i

Noutros casos en que aparece a crase de *ca*, coidamos que estamos perante erros de interpretación na edición dos textos trobadorescos. O primeiro deles, en Pero Garcia d'Ambroa, a partir da edición de Carlos Alvar presenta unha elisión certamente anómala (fronte ao texto correcto en Michaëlis, 1990: 704), pois a presenza dunha preposición *a* é desnecesaria desde calquera punto de vista na pasaxe en cuestión (Brea, 1996: 842):

..., e mais temi
 de vos pesar én **c'** a morrer
 como ora por vós morrerei
 (46 / 126,4 PGarAm [B73], v. 18)

Semella, pois, evidente que o texto correcto, do punto de vista lingüístico-interpretativo, é o seguinte:

..., e máis temi
 de vos pesar én **ca** morrer
 como ora por vós morrerei

A segunda crase problemática que localizamos máis unha vez incide no texto dionisino editado por Lang (Brea, 1996: 187), onde se introduce tamén unha preposición nunha construción, frecuente cos verbos *querer* e *amar*, que se rexistra innumerábeis veces no noso corpus.

...; sei per gram bem
 lhi querer máis **c'** a mim nen al
 (503 / 25,25 Den [B505/V88], v. 9)

De novo, a preposición *a* é desnecesaria nesta construción (tal como edita Nunes, 1972: 75), tendo en conta que as formas pronominais oblicuas se documentan en numerosas ocasións sen o elemento prepositivo:

...; sei per gran ben

lhi querer máis **ca** min nen al

Finalmente, noutra pasaxe de Don Dinis volta aparecer a mesma crase polo feito de Lang interpretar *mi* como pronome tónico en función de complemento indirecto (Brea, 1996: 211):

..., ca vos digo
que ant' el querria morrer
c' a mi sol um pesar fazer.

(580 / 25,74 Den B563/V166], r2)

Mais é perfectamente posíbel considerarmos átona a forma *mi*, sen necesidade, máis unha vez, de preposición:

..., ca vos digo
que ant' el queria morrer
ca mi sol un pesar fazer.

O encontro de *ca* con vocábulos iniciados por *a-*

Ao longo do corpus trobadoresco, o encontro de múltiples formas lingüísticas co adverbio *assi* é resolvido comunmente con crase fonética, en xeral coa elisión da vogal átona do vocábulo precedente, especialmente cando se trata da vogal /e/ (*d'assi, s'assi, ést'assi...*); algo moi semellante acontece coas restantes vogais, que, en xeral, son absorbidas pola vogal inicial do adverbio (*moir'assi* 'moiro assi', *viv'assi* 'vivo assi' etc.). A alta cantidade de ocorrencias deste tipo de contraccións debe estar na base da opción gráfica *c'assi* que tradicionalmente se practicou⁹ (e se practica) na representación do encontro da conxunción *ca* co adverbio *assi* naqueles casos en que se produce crase fonética (fronte a *ca assi* documentado só en 45.15, 74.22, 96.27, 214.12, 593.20, 1112.8, 1371.r2, 1574.28, 1666.20). A revisión da vulgata só deita un caso de *ca 'ssi* (*ca 'ssi me conven*, 290.16, cf.

⁹ O comportamento editorial de Michaëlis perante a secuencia <cassi> dos manuscritos foi vacilante, rexistrándose as solucións *c'assi* e *ca 'ssi* na súa edición do Cancioneiro da Ajuda (Michaëlis, 1990).

Brea: 490, ed. de Michaëlis), fronte ás dez ocorrencias de *c' assi*: *c' assi me ten forçad' amor* (82.16; Brea, 1996: 515, ed. de Michaëlis), *c' assi (e)starei d' ela melhor* (94.10; Brea, 1996: 513, ed. de Michaëlis), *c' assi viv' eu por ùa dona ...* (239.10; Brea, 1996: 918, ed. de Michaëlis), *c' assi fig' eu* (321.15; Brea, 1996: 284, ed. de Michaëlis), *c' assí lhe praz / de me veer* (702.11; Brea, 1996: 535, ed. de Nunes), *c' assy quer Deus* (983.3; Brea, 1996: 764, ed. de Panunzio), *c' assi fig' eu* (1022.r2; Brea, 1996: 398, ed. de Rodríguez), *c' assy tenh' eu meu amigo en poder* (1231.7; Brea, 1996: 734, ed. de Marroni). A estas ocorrencias aínda hai que lle sumar similar rexistro de *c' assi* nunha cantiga de Fernan Garcia Esgaravunha, presente na vulgata a partir da edición de Spampinato (Brea, 1996: 296):

...; mais a Deus rogar
 quer' eu assi, **c' assi** m'é mester,
 que El me dê mia morte
 (214 / 43,13 FerGarEsg [A114/B230], v. 12)

A proposta da editora italiana constitúe un erro sorprendente, obvio pola hipometría versal, tendo en conta a correcta edición de Michaëlis (1990: 237), en liña coa lección unánime dos manuscritos (<ca assi> A, <ca affi> B):

...; mais a Deus rogar
 quer' eu assi –**ca assi** m'é mester–
 que El me dé mia morte se non der
 tal coraçõ a vós d'én non pesar.

Porén, para alén da aparición da forma *si*, que convive coa forma maioritaria *se* en fórmulas desiderativas do tipo *se Deus me perdon* e as súas variantes, sempre en posición inicial de cláusula, que se debe ligar tanto a *assi* como á conxunción condicional *se*, o estudo do comportamento de *assi* revela que non é infrecuente a presenza da forma aferética *'ssi* no corpus, con perda da vogal átona inicial, en contextos en que non é posíbel unha interpretación alternativa¹⁰:

¹⁰ Nótese dous erros de copia neste tipo de secuencias: 74 VaFdzSend [A11/B101], v. 22: **Ca assi** faz-mi desamparado (<Cassi> A, <Caaffy> B); 94 JSrzSom [A28/B121], v. 10: **ca 'ssi** estarei d'ela melhor (<cassi> A, <ca affi> B). Por outra banda, semella significativo que a secuencia *é assi* (vs. *é 'ssi*) só presente seis rexistros en todo o cor-

...; e máis vos end'ora diria:

Joan Cõelho sabe que é 'ssi.

(179 / 125,40 PGarBu [A89/B193], v. 30)

E ben creede de pran que é 'ssi

e sera ja enquant'ela viver,

e quen a vir e a ben conhocer

sei eu de pran que dira que é 'ssi

(218 / 43,1 FerGarEsg [A118/B234], vv. 8, 11)

Amo-vos tant'e con tan gran razon,

pero que nunca de vós ben prenda,

que coid'eu est', e vós que non é 'ssi

(246 / 148,2 RoiQuei [A140/B261], v. 15)

pero non me poss'eu partir,

mais é 'ssi que poder non ei

que vos non aja de fazer

[do ben que vos quero, saber]

(258 / 152,5 VaGil [A150], v. 22)

e por aquest' é 'ssi meu coraçon:

ben querria [que me fizesse ben,

pero non ben u perdesse ela ren].

(284 / 79,36 JSrzCoe [A177/B328], v. 16)

..., mais, a Deus loado,

poss'eu fazer quen quiser sabedor

que non é 'ssi, ca, se me venha ben,

non é doado, ...

(374 / 9,7 AfSchz [B406/V17], v. 5)

pus profano (509.7, 754.4, 808.9, 1110.5, 1224.14, 1569.32), sendo a ocorrência da cantiga 754 a única em que non existe unha sinalefa é *_assi*.

e, se aquesto sofredes, ben lleu
querran a outro ‘ssi furtar-lo seu,
de que pode mui gran dano vñir.

(481 / 18,41 Alf X [B483/V66], v. 13)

...; e, pois é ‘ssi,
que pouco posso durar
e moiro-m’assi, de chã

(511 / 25,109 Den [B513/V96], v. 5)

O que sei de pran que morre
por min, o que non faz torto,
dizen-m’ora que é morto
‘ssi se lh’outra non acorre:
mais que preito tan guisado!

(727 / 60,6 GoEaVinh [B712/V313], v. 14)

..., nunca coita perdi]

por vós, que amo muito máis ca mí:
ben me creede, senhor, que é ‘ssi.

(893 / 155,12 VaRdzCal [A299], v. 23)

E, se el vai ferido, irá morrer al mar;
‘ssi fara meu amigo se eu d’el non pensar.

(1202 / 134,9 PMeo [B1186/V791], v. 6)

Por en sa casa comer com’el quer,
quer ben quer mal, que á d’adubar i?
Quen mal nen ben con el non comeu ‘ssi,
e d’el ben diz nen mal, non lh’é mester.

(1632 / 136,6 PViv [B1620/V1153], v. 10)

Á vista das leccións dos manuscritos e tendo en conta o carácter inelidíbel de *ca*, conforme o principio enunciado e amplamente desenvolvido por Cunha, debemos concluír que a representación gráfica efectuada por

diversos editores non é a máis axeitada para tal encontro, de modo que, máis unha vez, se confirma o principio métrico-fonético defendido polo estudoso brasileiro¹¹:

nen acharei, erg'en cuidar,
 conselh'enquant'eu vivo for,
ca 'ssi me ten forçad'Amor
 que me faz atal don'amar
 (82 / 78,10 JSrzSom [A16/B109], v. 10)

...; mais guardar-m'-ei
 que mi-o non sábia mia senhor,
ca 'ssi estarei d'ela melhor,
 e d'ela tant'end'averei
 (94 / 78,8 JSrzSom [A28/B121], v. 10)

E quen vivess'assi viveria,
 per bõa fe, en gran coita mortal,
ca 'ssi viv'eu por ùa dona qual
 sab'oje Deus e Santa Maria
 (239 / 148,1 RoiQuei [A133/B254], v. 10)

E o conselho ja o eu filhei,
 que eu i porrei, **ca 'ssi** me conven
 (290 / 75,7 JPrzAv? [A183], v. 1612)¹²

Ela non tolha enquanto viver
 seu ben, [ca sei] que viverá mui mal,
ca 'ssi fig'eu des que vos fui veer
 (321 / 40,8 FeFdzCog [B361], v. 15)

¹¹ Para alén da conveniencia gráfica de tal representación polo feito de *si* ser tamén adverbio afirmativo e pronome persoal. É por isto que unha representación do tipo *ca si*, defendida por Pilar Lorenzo (2009b: 500) non semella a opción máis axeitada.

¹² Como xa indicamos *supra*, este rexistro de *ca 'ssi* é o único (fronte a *c' assi*) que localizamos na vulgata trobadoresca (Brea, 1996: 490).

–*Madre, creer-vos-ei eu d'al,*
 mais non d'esso, **ca 'ssi** lhe praz
 de me veer, que, pois naci,
 nunca tal prazér d'ome vi.
 (702 / 79,22 JSrzCoe [B687/V289], v. 1113)¹³

Agora me part'eu mui sen meu grado
 de quanto ben oje no mund'avia,
ca 'ssi quer Deus, ...
 (983 / 120,1 PPon [A290/B981/V568], v. 314)¹⁴

se vos pesar, sofrede-o mui ben,
ca 'ssi fig'eu quando s'el foi d'aquen
 (1022 / 63,57 JAi [B1018/V608] <283>), r215)¹⁵

–Amiga, fale con quen x'el quiser
 enquant'eu d'el, com'estou, estever,
ca 'ssi tenh'eu meu amigo en poder
 (1231 / 116,4 PAmigo [B1215/V820] <337>), v. 716)¹⁶

Problema similar se presenta tamén noutros dous encontros de *ca* con voces iniciadas por *a-* (*amor*, *atender*). En tales secuencias, con crase fonética, a vulgata (e os editores en xeral) presentan novamente as formas *C' amor* (74.19; Brea, 1996: 953, ed. de Michaëlis) e *c' atender* (85.20; Brea, 1996: 516, ed. de Michaëlis). Tendo en conta o razoamento efectuado para *ca 'ssi*, semella que é máis apropiada unha representación gráfico(-fonética) alternativa:

¹³ A solución *ca 'ssi* aparece en Cohen (2003: 172).

¹⁴ Cf. *ca 'ssi* en Michaëlis (1990: 581) e *c' assy* en Juárez Blanquer (1988: 98).

¹⁵ Tamén *c' assi* en Nunes (1933: 268).

¹⁶ Tamén *c' assi* en Nunes (1933: 310).

ca nunca eu vi, des que fui nado,
 amor, nen prendi d'el prazer
 nen o cuido nunc'a prender
 d'el nen d'al, ca non é ja guisado,
ca 'mor, de pran, m'en guisa ten
 que me non pode nuzer mal
 d'este mundo nen prestar ben
 (74 / 151,28 VaFdZSend [A11/B101], v. 1917)¹⁷

log'averian a querer
 mui máis sa morte **ca 'tender**
 de viveren tan sen sabor
 com'oj'eu viv', ...
 (85 / 78,12 JSrzSom [A19/B112], v. 20)

Os casos problemáticos

Após a revisión do corpus e da confirmación global da integridade fonética de *ca*, fican tres casos problemáticos de diferente teor, xa que dous deles presentan unha elisión vocálica en *ca* que talvez sexa desnecesaria. A primeira que queremos tratar aparece nunha cantiga de Joan Airas (Brea, 1996: 381):

E mal mi venha se atal fui eu,
 ca, des que no mund'andei por seu,
 amei sa prol muito máis **c' a** de mi.
 (956 / 63,19 JAi [B953/V541], v. 24)

Con todo, para alén de que na edición de Nunes (1972: 371) non se reflecta tal crase, é certo que a construción é anómala con calquera das súas representacións, razón que pode xustificar a manutención da integridade de *ca*:

¹⁷ Obsérvese que a lección <ca amor> de B, fronte a <camor> en A, vai na mesma liña que algúns casos de <ca assi> en lugar de <cassi> (vid. nota 10).

E mal mi venha se atal fui eu,
ca, des que eu no mund'andei por seu,
amei sa prol muito máis **ca** de min.

O segundo caso rexístrase nunha cantiga de Pero da Ponte (Brea, 1996: 790), en que todas as edicións (Panunzio, 1992: 154, Lapa, 1970: 521, Juárez Blanquer, 1988: 281) coinciden en considerar a crase de *ca* coa prep. *a*:

E por esto non sei no mundo tal
ome que a el devess' a dizer
de non, por lhi dar mui ben seu aver,
c' a Sueir' Eanes nunca lhi fal
razon de quen el despagado vai
(1648 / 120,48 PPOn [B1636/V1170], v. 18)

Tamén neste caso se achán argumentos para a manutención de *ca*, pois construcións semellantes con concordancia *ad sensum* en que está implicado un O.I. se documentan con facilidade no corpus (*ca Don Fernando conteceu assi*, 1395.15), para alén de ser especialmente frecuentes no inicio de numerosas cantigas:

E por esto non sei no mundo tal
ome que a el devess' a dizer
de non por lhi dar mui ben seu aver,
ca Sueir' Eanes nunca lhi fal
razon de quen el despagado vai

Fica, finalmente, o terceiro rexistro, onde si parece inevitábel considerar unha crase da conxunción coa preposición *a*, sen que se perciba ningunha posibilidade de edición alternativa, tal como no seu momento consideraron os diversos editores da obra de Don Denis (Lang, Nunes):

E pero longe do logar
esto[u], que non poss'al fazer,
Deus non mi dé o seu ben-fazer,

pero long'estou do logar,
 se non é [o] coração meu
 [máis preto d'ela que o seu],

c' a vezes ten en al o seu,
 e sempre sigo ten o meu.

(513 / 25,73 Den [B515/V98], v. 19)

Conclusións

Após a revisión da eventual elisión vocálica en *ca* no corpus profano, sen practicar o “perigoso” procedemento “de modificar los textos para dar confirmación a nuestras tesis” (Lapa, 1954: 84), obsérvase como, agás na derradeira pasaxe analizada, esta conxunción mantén a súa integridade formal en todos os casos. Isto non fai máis do que confirmar a teoría que Celso Ferreira da Cunha acertadamente estendeu para todo o corpus, certificando que *ca* se comporta exactamente igual que as conxuncións *se* e *que* (tamén pronome relativo), tal como noutros traballos temos probado (Ferreiro, 2009a e 2009b).

E se o confronto o facemos co corpus das *Cantigas de Santa Maria* (Mettmann, 1986 - 1989), de novo se confirma que na lírica relixiosa a partícula en causa presenta o mesmo comportamento, xa que as tres únicas documentacións achadas de *c'a* ben poden ser editadas de modo que se manteña o principio cunhiano (*ca a'zcūa*, *ca 'ssi*, *ca sí*):

...; mas sayu-lle tod'en vāo,
c'a azcūa chantou toda | hūa grand' azyeira (213.79)

..., ca estou vivo, | **c'assy** quis a Virgen Santa
 Maria de Vila-Sirga ... (355.120)

Estes avian sa filla | que amavan mais **c'a** ssi,
 a que pres enfermidade | tan grande, com'aprendi
 (378.32)

Problema diferente, e parcialmente máis complexo, é o estudo das eventuais sinalefas de *ca* (e tamén de *e*, *que* e *se*) no corpus profano que exigen un estudo específico e particularizado que trate conxuntamente as catro conxuncións.

Bibliografía citada

- ARBOR ALDEA, M. (2008). “Metro, lírica profana galego-portuguesa e práctica ecdótica: Consideracións á luz do *Cancioneiro da Ajuda*”, en FERREIRO, M., MARTÍNEZ PEREIRO, C.P. e TATO FONTAÍÑA, L. (eds.): *A edición da Poesía Trovadoresca en Galicia*. A Coruña: Baía, pp. 9-38.
- BREA, M. (coord.) (1996). *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- COHEN, R. (2003). *500 Cantigas d'Amigo*. Edição Crítica / Critical Edition. Lisboa: Campo das Letras.
- CUNHA, C. Ferreira da (1982). *Estudos de Versificação Portuguesa (Séculos XIII a XVI)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português.
- FERREIRO, M. (2009a). “Sobre a suposta crase de *que* no trobadorismo profano galego-português”, en PONTES, R. e MARTINS, E. Dias (orgs.): *Anais VII EIAM - Encontro Internacional de Estudos Medievais. Idade Média: permanência, atualização, residualidade*. Fortaleza / Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Medievais / Universidade Federal do Ceará, pp. 487-495.
- FERREIRO, M. (2009b). “Sobre a suposta crase da conxunción *se* poesía trovadoresca galego-português”. Relatorio presentado ao XIII Congreso da AHLM [inédito].
- GASPAR PORRAS, S. (1995). *Libro dos Cantares de Afons'Eanes do Coton*. Santiago de Compostela: Concello de Negreira.
- JUÁREZ BLANQUER, A. (1988). *Cancionero de Pero da Ponte*. Granada: Ediciones TAT.
- LAPA, M. Rodrigues (1954). “[Recensión de] Celso Ferreira da Cunha, *À margem da poética trovadoresca*, Rio de Janeiro, 1950: 91 pp.”, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, VIII: 81-86.

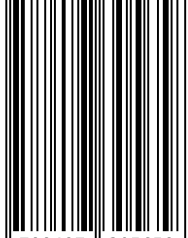
- LAPA, M. Rodrigues (1970). *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. Vigo: Galaxia.
- LORENZO GRADÍN, P. (2009a). "Hiato e sinalefa na lírica profana galego-portuguesa", en CORRAL DÍAZ, E., FONTOIRA SURÍS, L. e MOSCOSO MATO, E. (eds.): *A mi dizen quantos amigos ey. Homenaxe ao profesor Xosé Luís Couceiro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 265-272.
- LORENZO GRADÍN, P. (2009b). "Sobre el cómputo métrico en la lírica gallego-portuguesa", en BRUGNOLO, F. e GAMBINO, F. (eds.): *La lirica romanza del Medioevo. Storia, tradizioni, interpretazioni. Atti del VI convegno triennale della Società Italiana di Filologia Romanza*, II. Padova: Unipress, pp. 493-508.
- MACHADO, E. Paxeco / MACHADO, J. P. (1949-1964). *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti*. Lisboa: Edição da *Revista de Portugal*, 8 vols.
- METTMANN, W. (1986-1989). *Alfonso X el Sabio. Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Castalia, 3 vols.
- MONTERO SANTALLA, J. M. (2000). *As Rimas da Poesia Trovadoresca Galego-Portuguesa: Catálogo e Análise*. Tese de Doutoramento (inérita), Universidade da Coruña, 3 vols.
- NUNES, J. J. (1972). *Cantigas de Amor dos Trovadores Galego-Portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro (1ª ed., 1932).
- NUNES, J. J. (1973). *Cantigas de Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro (1ª ed., 1928).
- PANUNZIO, S. (ed.) (1992). *Pero da Ponte. Poesías*. Vigo: Galaxia (1ª ed., 1967).
- REALI, E. (1964). *Le "cantigas" di Juyão Bolseyro*. Napoli: s.l.
- TAVANI, G. (1967). *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*. Roma: Edizioni dell'Ateneo).

COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL

Instituição	Nome
Universidade de Lisboa	Alberto Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Clara Santos
Universidade de Lisboa	Ana Mafalda Leite
Universidade Estadual de Santa Cruz	André Mitidieri
Universidade de Varsóvia	Anna Kalewska
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Annabela Rita
Universidade do Algarve	Artur Henrique Gonçalves
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Beata Cieszyńska
Universidade de São Paulo	Benjamin Abdala Junior
Universidade Católica	Cândido Oliveira Martins
Universidade do Algarve	Carina Infante do Carmo
Universidade de Santiago de Compostela	Carmen Villarino
Universidade de Colónia	Claudius Armbruster
Universidade de Coimbra	Cristina Robalo Cordeiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Fernando Cristóvão
King's College London	Hélder Macedo
Universidade da Madeira	Helena Rebelo
Universidade de São Paulo	Hélio Guimarães
Universidade de São Paulo	Ieda Maria Alves
Universidade do Porto	Isabel Pires Lima
Universidade do Algarve	João Carvalho

Universidade do Algarve	João Minhoto Marques
Universidade do Algarve	Jorge Baptista
Universidade de Lisboa	José Camões
Universidade do Algarve	José Dias Marques
Universidade de Lisboa - CLEPUL	José Eduardo Franco
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	José Luís Jobim
Universidade Federal Fluminense	Laura Padilha
Universidade Federal de Minas Gerais	Letícia Malard
Universidade Federal Fluminense	Lucia Helena
Universidade do Algarve	Lucília Chacoto
Universidade do Algarve	Manuel Célio Conceição
Universidade Federal de Rio Grande do Sul	Márcia da Glória Bordini
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Maria José Craveiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Miguel Real
Universidade de São Paulo	Mirella Vieira Lima
Universidade do Algarve	Mirian Tavares
Brown University	Onésimo Almeida
Universidade do Algarve	Petar Petrov
Universidade de Coimbra	José Pires Laranjeira
Universidade de Santiago de Compostela	Raquel Bello Vázquez
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Regina Zilberman
Universidade de Coimbra	Sebastião Pinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Teresa Cerdeira
Universidade Nova de Lisboa	Teresa Lino
University of Oxford	Thomas Earle

Este livro da
Associação Internacional de Lusitanistas
acabou-se de imprimir nas oficinas que a
Sacauntos Cooperativa Gráfica
tem na cidade de Compostela,
Galiza,
o dia 2 de abril de 2012.



9 788487 305658

Avanços em...

Literatura e Cultura Portuguesas. Da Idade Média ao século XIX
Literatura e Cultura Portuguesas. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa
Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 1
Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 2
Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 3
Literatura e Cultura Brasileiras. Séculos XV a XIX
Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol.1
Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol. 2
Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galegas
Comparatismo nas Lusofonias
Ciências da Linguagem

www.lusitanistasail.net



AIL

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IC INSTITUTO
CARMÕES
PÚBLICO



FUNDAÇÃO
CALOESTE
QUEBECENSE



INCM
INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM



FARO